

Agora... Enquanto é Tempo

Um pai e sua filhinha
trilham caminhos diferentes.
Mas há também momentos deliciosos
em que andam juntos

ED BARTLEY

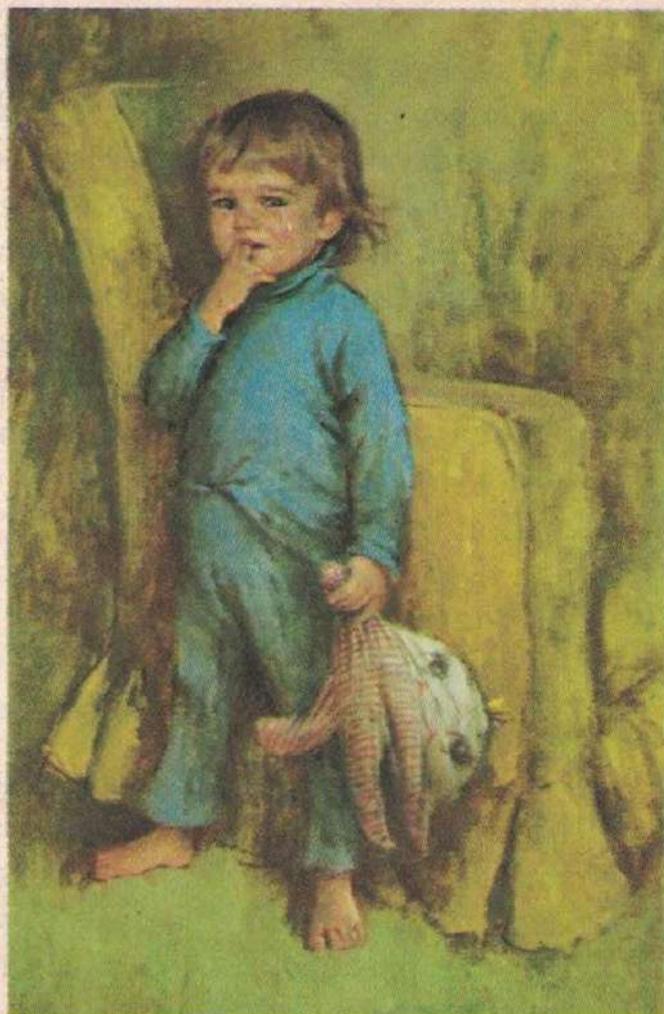
MISSY —gritei para minha mulher— você besuntou o tampo da minha mesa com vaselina?

—Não, querido. Com certeza foi Meghan.

Só isso. Tranqüilamente. Tal como eu receara, ela não percebera a superafiada ironia da minha pergunta. Eu *sabia* que ela não tinha feito aquilo. A pergunta era retórica; meu intuito era apenas provar-lhe que ela não tinha cumprido a sua missão de defender minha mesa de trabalho contra o agressor.

Encerrei o assunto. Mais tarde eu trataria de Meghan, nossa filha de 22 meses.

Tudo isso foi ontem. Hoje estou sentado à mesma escrivaninha de tampo corrediço, que descobri no sótão de um amigo há dois anos, e



olho o papel em branco enfiado na máquina de escrever. Espero pacientemente que me venham as idéias, questões para um exame sôbre Herman Melville, um teste que darei amanhã a meus alunos de inglês. Minha mulher saiu para uma reunião num lugar qualquer, mas eu não estou só. Nossos dois filhos fazem-me companhia. Edward, de 10 meses de idade, colabora até certo ponto; passa a maior parte do tempo debruçado sôbre fileiras aparentemente intermináveis de cartões, etiquetas, pedaços de papel variados e um catálogo de loja, que êle rasga página por página. Volta e meia êle se estica e bate loucamente no piano, que fica ao seu alcance.

Mas são de Meghan os planos que foram destinados desde o princípio do mundo a chocar-se com os meus hoje.

Ela obedece a uma rotina diária, que é ao mesmo tempo demorada e difícil. O programa compreende certas tarefas básicas: Olhar o "grop" (isto é, o peixe; não consigo explicar a etimologia da palavra). Varrer o tapête do quarto dela e a caminha. (É isso mesmo, Meghan varre a caminha.) Sentar-se durante alguns minutos na prateleira de baixo da estante de livros, para verificar se ainda cabe lá. (Ontem cabia, e há boas perspectivas de que ainda caberá amanhã.) Dar uma olhadela em Edward, de vez em quando—juntando-se a êle, talvez, para um breve dueto. Subir e descer do carrinho, para treinar. Testar as molas do sofá.

O companheiro inseparável dela em tudo isso é Dumpty, um boneco de trapos, disforme, cujo apogeu pertence a um passado remoto. Há um ano êle era bem estofado, e parecia estourar de alegria. Seu sorriso permanente conquistou Meghan imediatamente. Ela lhe fornece transporte; êle lhe dá segurança. Quanto mais sujo êle fica, mais ela parece confiar na sua sabedoria e filosofia simplória.

Há cêrca de uma semana minha mulher pôs Dumpty dentro da máquina de lavar na esperança de torná-lo pelo menos reconhecível. Não estávamos preparados para a criatura macilenta que emergiu. Ao ser enxaguado, Dumpty perdeu as entranhas. Minha mulher passou 20 minutos recolhendo, de dentro da máquina, os intestinos de espuma de borracha. Achamos que Meghan talvez abandonasse o que sobrou, que não passava de uma casca de Dumpty. Estávamos enganados. Não houve alteração perceptível nas relações entre os dois, a não ser que ela o achou mais fácil de carregar enquanto fazia as suas tarefas.

Eu consigo realizar razoavelmente bem o meu próprio trabalho durante a maioria dessas tarefas, de modo que me concentro em Melville. ("Discutir a semelhança do tema da alienação em *Bartleby o Escrivão* e na *Metamorfose* de Kafka".) Foi dado o primeiro passo. Infelizmente, eu não tinha contado com a chegada dos "piu-pius". ("Piu-pius" são passarinhos.)

—Piu-pius, piu-pius!—grita Meghan, com os olhos brilhantes de expectativa.

Insiste para que eu vá com ela até à janela.

—Um minutinho. Deixe-me só acabar esta resposta. Você já leu a *Metamorfose* de Kafka? Não? Você realmente iria gostar.

O sarcasmo não a afeta, e ela me puxa pela mão (na verdade são dois dedos) em direção à janela do quarto. Vejo-me como um palerma num romance qualquer, sendo levado imbecilmente para ver os piu-pius. E ficamos olhando *mesmo*. Eles tagarelam incessantemente, e pulam bruscamente para trás e para a frente no gramado, bem junto à janela do nosso apartamento. Meghan fica entretida, mas, enquanto os observo, começo a imaginar se ontem eu teria estacionado o carro debaixo de uma árvore.

De repente, ela dispara do quarto (raramente anda), e ouço os seus pés descalços batendo contra o soalho de madeira, do lado de fora. Ela volta trazendo Dumpty. Levanta-o até à janela, esticando-o pelos dois braços infelizes e triangulares, e murmurando junto à orelha inexistente: “Piu-pius, Hindy, piu-pius!” Dumpty sorri. É um sorriso muito mais largo do que antigamente.

Deixo-os conversando, e volto à minha escrivaninha. Dentro de cinco minutos ela me aparece metida nos sapatos da mãe. Estica-se até à altura do teclado da máquina e comprime quatro teclas ao mesmo tempo.

—Não, muito obrigado, Meghan. Papai já viu o seu trabalho. Ele prefere fazê-lo sozinho.

Ela recua. Com o canto do olho, vejo-a na cozinha a observar o “grop” nadando no seu mundo circular. Note que a água do aquário precisa ser trocada.

Voltamos ao teste. Resolvido. (“Discutir a ilusão e a realidade em *Benito Cereno*”.)

—Não adianta nem pedir, Meghan. Hoje não.

Ela está na minha frente, com os sapatos e as meias na mão. Conheço o programa. Primeiro, os sapatos e as meias. Depois, o carrinho. E logo em seguida estamos no parque. Ela vai querer que eu lhe apanhe um dente-de-leão, ou uma fôlha daquela árvore que o furacão derrubou, mas não arrancou, há alguns anos. Ela ficará segurando a fôlha, ou o dente-de-leão, como sempre faz, enquanto caminhamos para o parque. Ah, sim, conheço bem o programa!

Ela deita a cabeça na minha perna, exatamente como fazia quando estava aprendendo a andar. Ela costumava trazer o pente, ou a escôva de cabelo (uma vez trouxe uma escôva de dentes) e pousar a cabeça na minha perna enquanto eu lhe penteava o cabelo. Esse ritual, no entanto, terminou depois de poucos meses apenas—demasiado depressa para o meu gosto.

Afinal, ela se afasta, e observo a sua frustração ao sentar-se no chão, tentando durante vários minutos cal-

çar uma das meias. A arte se revela muito complicada. Futuramente ela calçará meias compridas ou malhas inteiriças com a facilidade e a graça de uma bailarina. Mas hoje é derrotada por um minúsculo par de meias.

Ela vê que estou olhando! Voltemos ao trabalho. (“Qual a importância do lema entalhado na proa do navio de Benito Cereno?”)

Ela dá uma palmadinha na cadeira de vime, aquela confortável em que nos sentamos juntos, para ver televisão ou para ler, e rapidamente junta os livros dela—*O Cachorrinho Poky*, *O Ônibus Mágico*, *O Gato no Chapéu*, e até aquela revista velhíssima com o pingüim na capa... Meu Deus, ela está trazendo *todos*.

Com a mão livre ela me puxa pela manga.

—Não, Meghan—respondo-lhe irritado.—Agora não. Vá-se embora e deixe-me em paz. E leve a sua biblioteca com você.

Isso surte efeito; ela se afasta. Não faz nova tentativa para me perturbar. Agora posso terminar facilmente o teste sem interferência. Ninguém querendo trepar no meu colo, nem dedos a mais me ajudando a bater na máquina.

Vejo-a em pé, de costas para o sofá, com as lágrimas a lhe escorrem pelas faces. Tem dois dedos da mão direita na boca. Segura o trágico Dumpty na mão esquerda. Fica a olhar-me, enquanto bato à máquina, e, para se consolar, passa vagarosamente a ponta do braço anêmico de Dumpty no nariz.

Neste momento, só por um instante, vejo as coisas como Deus as deve ver—em perspectiva, com todas as peças se encaixando. Vejo uma meninazinha chorando porque *eu* não tenho tempo para ela. Imaginem alguém ser tão importante para outro ser humano! Antevejo o dia em que não representará tanta coisa para uma pessoinha o fato de eu estar sentado a seu lado, lendo uma história que pouco significa para qualquer de nós, mas compreendendo, de alguma forma, que o fato de estarmos sentados um junto do outro é que representa tudo. E antevejo o dia em que o frágil, leal e adorável Dumpty desaparecerá da vida de uma meninazinha, que deixou de achar graça nêle.

Por um instante sinto ciúmes de Dumpty. Êle está consolando a *minha filhinha*, e isso é problema meu, não dêle. Ela e eu temos bem poucos dias como êste para compartilhar. E vai daí o papel escorrega suavemente para dentro da primeira gaveta e a capa cobre a máquina. O teste ficará pronto de um jeito ou de outro. Os testes sempre se aprontam.

—Meghan, estou com vontade de dar um passeio até ao parque. Estava pensando se você e Edward gostariam de me acompanhar. Achei que talvez vocês quisessem brincar um pouquinho nos balanços. Traga Dumpty e o seu suéter vermelho também. Pode estar ventando lá fora.

Ao ouvir a palavra “parque”, os seus dedos saem da boca. Ela ri en-

tusiasmada e começa a procurar desesperadamente os sapatos e as meias.

Melville vai ter de esperar, mas êle não se importará. Esperou muito tempo para que alguém descobrisse o milagre de *Moby Dick*—e morreu 30 anos antes de qualquer pessoa o fazer. Não, êle não se importará.

Além disso, êle compreenderia o motivo que me obriga a ir, agora mesmo—enquanto os piu-pius ainda são maravilhosos, e antes que os dentes-de-leão se transformem em mato e enquanto uma meninazinha ainda acha que uma fôlha dada por seu pai é um tesouro inestimável.



O CINEASTA Alfred Hitchcock muitas vêzes adormece nas festas—hábito que seus amigos já aprenderam a tolerar. Uma vez êle adormeceu às nove horas em ponto, e passaram-se quatro horas antes que sua mulher o chamasse, dizendo:

—Acorde, Hitch, está na hora de ir para casa.

—Como você pode ser tão grosseira? É apenas uma hora. Êles vão pensar que não nos estamos divertindo! —Whitney Balton, McNaught Syndicate

A ATRIZ cinematográfica Hildegard Neff será conhecida como Hildegard Knef quando gravar discos em inglês, francês e alemão, sua língua materna. “Meu nome original é Knef, mas Hollywood obrigou-me a tirar o K”, explicou ela. “Êles estão sempre me pedindo para tirar alguma coisa, mas eu torno a pô-la assim que tenho oportunidade.”

—NANA-WNS

COMENTÁRIO do Papa João XXIII quando lhe mostraram o desenho de seu brasão papal: “Por favor, não façam o meu leão parecer tão zangado.”

—*Contemporary Quotations*, ed. por James R. Simpson



Arames Farpados

De uma coleção de telegramas famosos, compilada por Joyce Denebrink

DO ESCRITOR Ring Lardner, desculpando-se por não poder comparecer a um jantar: “NOITE DE SAÍDA DAS CRIANÇAS. TENHO DE FICAR EM CASA COM A BABÁ.”

DEPOIS que seu hóspede partiu repentinamente para Hollywood sem se despedir, George S. Kaufman enviou-lhe o seguinte telegrama: “ADEUS—SE É QUE NÃO ESTOU SENDO MUITO CONFIADO.”